





Concebido com dois objetivos: o geral, de convidar pessoas vitoriosas na vida pessoal e profissional para ministrar palestras, relatando suas carreiras e trajetórias; o específico, de motivar os alunos aos estudos, mediante conhecimento dos exemplos positivos desses palestrantes.

Repensando o lugar do Estado

FRENTE ÀS DROGAS E SEUS USOS

A Escola de Saúde do UniBrasil promoveu no dia 10 de abril de 2018 uma palestra com o Dr. Mauricio Fiore, com o tema “Repensando o lugar do Estado frente às drogas e seus usos”, dentro do Projeto Academia UniBrasil.

O principal campo de atuação acadêmica do palestrante é sobre as drogas psicoativas, sob seus diversos aspectos (socioculturais, médicos, políticos, entre outros), e seu propósito seria “tentar equilibrar as questões relativas aos usos (e seus potenciais danos) de drogas e a forma como o Estado trata o tema (política de drogas)”, uma visão lúcida sobre um tema sério e controverso.

AUTORA:

VANDA GALVÃO PEREIRA
DOUTORA EM FISIOTERAPIA,
COORDENADORA DO CURSO DE
FISIOTERAPIA DO UNIBRASIL
CENTRO UNIVERSITÁRIO

O Dr. Maurício Fiore é Bacharel em Ciências Sociais, mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual em Campinas (Unicamp). É pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), coordenador científico da Plataforma Brasileira de Política de Drogas (PBPD), membro-fundador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre psicoativos (Neip) e da Associação Brasileira de Estudos Sociais sobre o Uso de Psicoativos (Abesup).

O Cebrap é uma organização criada em 1969, por um grupo de professores de diferentes áreas, para ser um espaço de produção de conhecimento crítico e independente no Brasil. Destaca-se no cenário nacional pelo rigor e pelo impacto no debate público, sendo hoje reconhecido como centro de pesquisa de alto padrão e referência na produção de conhecimento de ponta nas diferentes ciências humanas na análise de diversos temas pertinentes à realidade brasileira, entre eles, a política de drogas.

Por sua vez, a Plataforma Brasileira de Política de Drogas é uma rede para a atuação conjunta de organizações não governamentais, que busca debater e promover políticas de drogas, fundamentadas na garantia dos direitos humanos e na redução dos danos produzidos pelo uso problemático de drogas, e pela violência associada à ilegalidade de sua circulação.

Já o Neip é um núcleo de pesquisas sobre substâncias psicoativas que reúne estudiosos vinculados a diversas instituições, para promover uma reflexão conjunta sobre o tema.

A palestra teve duração de uma hora e meia, com a participação de alunos dos cursos de Biomedicina, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Nutrição e suas respectivas coordenadoras: Jannaina Vasco, Taís Pastre, Angelita Vicentin, Maria Regina Tizzot,



Maurício Fiore.

Vanda Cristina Galvão Pereira e Simone Biesek. Sendo o tema afeto diretamente à saúde da população, a presença destas coordenadoras da área de Saúde assumiu importância primordial. Também estiveram presentes estudantes do Curso de Direito, alunos da Polícia Militar e de cursinhos, que participaram ativamente formulando perguntas que foram prontamente respondidas pelo palestrante.

No evento, a coordenadora do Projeto Academia, ao apresentar



Maurício Fiore entre Dulce Mara Gaio e Christian Alencar.

o palestrante, comentou que “uma das questões mais prementes e controversas da atualidade diz respeito às drogas. Trata-se de um problema em escala planetária, associado a temas muito sérios de saúde pública, ligado à criminalidade (parte significativa das populações masculinas e femininas dos presídios está relacionada ao tráfico), e que ameaça a estabilidade de muitos países. No âmbito pessoal, o consumo perfaz um leque que vai do sancionado álcool – desde uma quase inócua taça de vinho ou eventual dose de destilado ao alcoolismo patológico – ao tabaco,

maconha, opiáceos, drogas sintéticas, cocaína e derivados. Os riscos do consumo descontrolado não podem ser ignorados, porém raramente o tema é posto em debate sem que posições radicais punitivas ou propostas de liberação sem muita consistência, venham ao palco”.

O pesquisador introduziu o tema das drogas citando o liberalismo em épocas anteriores; o uso como produto médico / farmacêutico, contrapondo a morfina com a heroína, como também a cocaína utilizada como “elixir” e sendo associada à “perdição”; a discriminação em drogas lícitas como o álcool, e as ilícitas que variam das elegantes, símbolo de “status”, até as que são associadas a degradação humana; a maconha, tida como marginal, mas com estudos importantes de suas características terapêuticas; até a questão da utilização das drogas associada à questões sacramentais, caso da bebida alucinógena à base do cipó ayahuasca utilizada em rituais do “Santo Daime”, “União do

Vegetal” e outros, liberada para uso religioso, porém ainda não totalmente estudada em suas consequências de médio e longo prazo.

Segundo Mauricio, “a guerra mundial contra as drogas - nome pelo qual ficaram conhecidas parte das substâncias psicoativas que alteram a consciência e a percepção - completa, este ano, um século. Ainda que as resoluções da Primeira Conferência Internacional do Ópio de 1912, realizada em Haia, tenham sido praticamente abandonadas nos anos conturbados entre as duas grandes guerras, o modelo ali esboçado foi triunfante. Defendida, patrocinada e sediada pelos EUA, já sob a coordenação da ONU, a Convenção Única sobre Entorpecentes, de 1961, implantou globalmente o paradigma proibicionista no seu formato atual. Os países signatários da Convenção se comprometeram à luta contra o “flagelo das drogas” e, para tanto, a punir quem as produzisse, vendesse ou consumisse. Proibicionismo é uma forma



Jannaina Ferreira de Melo Vasco, Maria Regina Tizzot, Angelita Visentin, Mauricio Fiore, Vanda Cristina Galvao Pereira e Tais Pastre.

simplificada de classificar o paradigma que rege a atuação dos Estados em relação a determinado conjunto de substâncias. Seus desdobramentos, entretanto, vão muito além das convenções e legislações nacionais. O proibicionismo modulou o entendimento contemporâneo de substâncias psicoativas quando estabeleceu os limites arbitrários para usos de drogas legais/positivas e ilegais/negativas. Entre outras consequências, a própria produção científica terminou entrincheirada, na maior parte das vezes do lado “certo” da batalha, ou seja, na luta contra as drogas. O proibicionismo não esgota o fenômeno contemporâneo das drogas, mas o marca decisivamente.

De acordo com Fiore, o assunto das drogas é fundamental não apenas para a área da saúde, pois é preciso colocar a questão das drogas como uma das prioridades nacionais, haja vista

que hoje, as drogas não são apenas questão de saúde pública, elas se tornaram uma questão de segurança pública. Muito por conta de um modelo que aposta na ideia de que você pega um conjunto de drogas, simplesmente proíbe e acha que com isso as pessoas não irão usar. O palestrante ainda cita que o mercado de drogas movimenta milhões e está na mão de criminosos. Os mais poderosos quase nunca são apanhados, quem acaba sendo preso são os mais pobres, recrutados nas camadas mais desassistidas ou por facções criminosas enquanto na prisão.

Mauricio Fiore afirma, ainda, que o combate da polícia aos criminosos demanda muitos esforços, para combater um crime que não é violento, em um país que tem tantos assaltos, homicídios e estupros. “É urgente que a gente rediscuta e repense a forma como o Estado está lidando com as drogas”.

